

# ABRACE **20** ANOS CELEBRANDO A DIVERSIDADE

## *Organização*

José Tonezzi

Luciana Lyra

Matteo Bonfitto

## GT ETNOCENOLOGIA

# TRAJETOS E NARRATIVAS: ENTRECRUZANDO CAMINHOS ETNOCENOLOGIA E ABRACE

Graça Veloso (UnB)

Miguel Santa Brígida (UFPA)

Em 1995, nos dias 3 e 4 de maio, em Colóquio realizado na sede da UNESCO, numa parceria entre a *Maison des Cultures Du Monde* e o Laboratório Interdisciplinar de Práticas Espetaculares da Paris8-Saint Denis, por um conjunto de pesquisadoras e pesquisadores de diversas partes do mundo<sup>13</sup>, foi criada uma nova disciplina, voltada para os estudos da cena. Depois de diversos embates sobre seu significado para as artes presenciais, do corpo e do espetáculo, deliberou-se que essa disciplina teria o nome de Etnocenologia. Em seu Manifesto de fundação (ETNOCENOLOGIA, 1996), consta que aquela seria uma disciplina voltada para o estudo das Práticas e Comportamentos Humanos Espetaculares Organizados – PCHEO. E tinha como

<sup>13</sup> A criação da Etnocenologia se deu por iniciativa de pesquisadores (Jean Duvignaud, Jean-Marie Pradier e André Marcel D'Ans) e de gestores da cultura (Chérif Khaznadar e Françoise Gründ), na França, com a participação de colegas de muitos outros países, dentre os quais o Brasil, representado por Armindo Bião.

propostas principais: a oposição a qualquer tipo de etnocentrismo, a sustentação dos princípios do direito à diversidade cultural, a defesa da ideia de que a vida se dá nas relações e que seu fundamento maior é o reconhecimento da alteridade, o que se concretiza também pela produção estética. Dentre todos e todas que assinaram a fundação da Etnocenologia, destacava-se um nome que se tornaria uma das maiores referências para as Artes Cênicas no Brasil durante as duas décadas seguintes: Armino Jorge de Carvalho Bião.

Três anos depois da criação da Etnocenologia em Paris, em reunião histórica realizada em Salvador, BA, no dia 21 de abril de 1998, foi fundada a Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas – ABRACE, que faria seu primeiro Congresso Nacional no ano seguinte:

Com ampla participação de lideranças representativas da área de Artes Cênicas (teatro e dança) de todo o Brasil, a ABRACE teve no I Congresso (São Paulo) o primeiro ponto forte de sua história. A realização deste Congresso na ECA/USP, em setembro de 1999, revelou o crescimento da área de Artes Cênicas no ambiente universitário brasileiro [...] O I Congresso da ABRACE reuniu mais de 250 pesquisadores e representantes de programas de Pós-Graduação, contando com 132 comunicações efetivamente apresentadas e organizadas em 30 mesas, além de reuniões de caráter administrativo e grupos de trabalho, mesas redondas e outras atividades (PORTAL ABRACE, 2020).

Novamente entre os nomes responsáveis, pela proposta e pela consolidação da fundação da ABRACE, estava o artista/professor/pesquisador baiano Armindo Bião. Viria ele, inclusive, se tornar o primeiro presidente desta que é, hoje, o maior ponto de confluência para pesquisadoras e pesquisadores em Artes Cênicas do Brasil. Respondia-se naquele momento aos anseios de um sem número de artistas e pesquisadores e pesquisadoras instalados/as no espectro acadêmico nacional, de contar com uma possibilidade de encontro e compartilhamento de suas pesquisas e práticas cênicas.

E foi exatamente desse lugar de referência que Bião e alguns novos adeptos daquela Etnociência, em 2007, durante a IV Reunião Científica da Abrace, realizada em Belo Horizonte, MG., propuseram a criação do Grupo de Trabalho em Etnocenologia. No ato de criação do GT, foi discutida e aprovada uma ementa que destacava alguns aspectos norteadores para a disciplina. Vislumbrava-se então nossa presença, tanto no âmbito da ABRACE quanto em outras instâncias, onde essa nova perspectiva transdisciplinar pudesse se articular:

[...] a Etnocenologia busca articular, na interseção dos vastos campos do conhecimento das ciências e das artes, as teorias e as práticas dos espetáculos e a criação e a crítica. Do ponto de vista temático, essa perspectiva transdisciplinar se refere, constantemente, à tradição e à contemporaneidade e, também, aos universos da experimentação, do amadorismo e do profissionalismo. [...] seu interesse pela diversidade e pela pluralidade cultural sugere um diálogo freqüente da Etnocenologia com os estudos culturais e da performance, a antropologia

teatral e as ciências do teatro, bem como com os estudos dedicados à dança, ao circo, à ópera e à performance (enquanto forma artística assumidamente espetacular). [...] a Etnocenologia valoriza sempre a informação sobre o trajeto artístico e universitário que levou cada pesquisador, enquanto sujeito, à eleição de seu objeto de pesquisa. Sua perspectiva transdisciplinar, científica e teórico-metodológica, inscreve a Etnocenologia na grande área de conhecimento das artes, mais precisamente das artes do espetáculo (EMENTA, 2007).

No ato de criação da Etnocenologia, apesar daquele encontro inicial ocorrer em Paris, um dos princípios defendidos para combater o etnocentrismo até então prevalente nos estudos da cena, foi o de que a nova disciplina não deveria se consolidar a partir de um centro irradiador. Essas relações se dariam em pontos de conexão, como numa grande rede, estabelecidos em diversas partes do mundo. Assim, foram realizados colóquios, inicialmente com periodicidade anual, um em Cuernavaca, Morelos, México, em 1996, e outro em Salvador, Bahia, Brasil, em 1997.

Depois de uma longa interrupção, somente em 2005 foi realizado o IV Colóquio, cuja instituição anfitriã foi a Universidade de Paris VIII, e o V, na UFBA, em 2007. Em 2009, já com a importante presença de instituições universitárias francesas e latino-americanas, vinculadas ao projeto ARCUS foi realizado o VI Colóquio Internacional, no contexto do Ano da França no Brasil. Para essa sexta edição tivemos como universidade anfitriã a Federal de Minas Gerais – UFMG com o tema



A Voz do Corpo, o corpo da voz: artes e ciências do espetáculo. Em 2013, a sétima edição aconteceu novamente na Universidade Paris VIII com o tema Experiências e expressões corporais das crenças: estéticas e identidades. O VIII Colóquio Internacional foi realizado em 2018 em Belém do Pará simultaneamente ao II Encontro Nacional e ao IV Encontro Paraense de Etnocenologia. Até 2020, além dos Colóquios Internacionais, somente no Brasil, já foram registrados encontros, locais e nacionais, em Brasília, Salvador, Belo Horizonte e Belém, o que vem corroborar com aquela ideia inicial de pontos de rede.

E é como uma grande rede de pesquisadoras e pesquisadores em Etnocenologia que nos vemos ao se completarem vinte e cinco anos daquele encontro inicial de fundação, em Paris, ao mesmo tempo em que a ABRACE chega à sua segunda década de existência. Enquanto a Associação cada vez mais se estabelece em escala nacional com tendência à internacionalização, a Etnocenologia se fortalece a partir de diálogos entre artistas e acadêmicos/as em praticamente todos os estados brasileiros.

Ao longo dos já vinte anos de vida da ABRACE, e desde 2007, quando se estabeleceu como um Grupo de Trabalho desta associação, a Etnocenologia já passou por diversas fases. Se inicialmente, ao aportar em terras brasileiras, seu principal ponto de referência foi Salvador, com o passar do tempo tivemos a adesão de pessoas vinculadas a instituições de ensino de todas as regiões do país. Do Acre ao Rio Grande do Sul, Paraíba, Maranhão, Goiás, Sergipe, Minas

Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, dentre vários outros, se fazem representar em pesquisas, publicações e encontros acadêmicos. Como consequência desse movimento, em finais da segunda década deste Sec. XXI, Belém do Pará acaba por se tornar o principal ponto na rede nacional de pesquisas etnocenológicas. Tanto em número de pesquisadoras e pesquisadores quanto na produção acadêmica e artística. Isso, consideramos, como consequência do precoce desaparecimento de Armino Bião (2013), o que arrefeceu em muito a presença da disciplina em terras baianas. No Pará a UFPA, por meio do ICA (Instituto de Ciências das Artes), PPGARTES (Programa de Pós-Graduação em Artes) e ETDUFPA (Escola de Teatro e Dança), o TAMBOR- Grupo de Pesquisa em Carnaval e Etnocenologia (CNPq-2008) promove os estudos da Etnocenologia realizando desde 2012, encontro bianuais denominados Encontro Paraense de Etnocenologia, e com o GETNO (Grupo de Estudo em Etnocenologia) atende alunos da graduação e cursos técnicos de teatro e dança da ETDUFPA.

No transcurso dessa investida da Etnocenologia na Amazônia, os Encontros Paraenses se constituíram em um espaço permanente de produção de conhecimento e troca de informações entre pesquisadores, profissionais e estudantes ligados ao campo das artes cênicas. Instaurando e promovendo ações que conectem e dinamizem a rede etnocenológica, ativa o pensamento dos artistas da cena contemporânea ao refletirem sobre suas práticas espetaculares pelos princípios desta etnociência. Até 2020 foram realizadas quatro edições do Encontro Paraense de Etnocenologia. Em 2012, Práticas Espetaculares da

Amazônia, o evento teve o Prof. Dr. Armindo Bião (UFBA) e a Profa. Dra. Leda Martins (UFMG) como pesquisadores convidados. Em 2014, com o tema *Corpo Lugar de Festas*, os pesquisadores convidados foram a Profa. Dra. Helena Theodoro (RJ) e o Prof. Dr. Graça Veloso (UNB). Em 2016, o tema *Espetacularidades Etnocenológicas: Alteridades, Estéticas e Poéticas*, visou o aprofundamento sobre as espetacularidades tradicionais e contemporâneas que revelam o fulcro das investigações epistêmicas pela abordagem etnocenológica. Aquele foi um encontro que privilegiou a sabedoria dos praticantes, a diversidade cultural, as tribos urbanas, os saberes tradicionais, o conhecimento comum, as vivências das ruas, das esquinas, dos bares, das feiras, dos lugares e não-lugares de potências geradoras de exercício de alteridades. A partir da Amazônia, destacou suas estéticas particulares e suas singularidades poéticas na construção do conhecimento etnocientífico gerado da pesquisa em Artes Cênicas.

O I Encontro Nacional de Etnocenologia ocorreu em Salvador (BA), de 12 a 15 de abril de 2016, com coordenação da Profa. Dra. Eliene Benício e do Prof. Dr. Fabio Dal Gallo. Teve como temática *O Estado da Arte*, e buscou avaliar o desenvolvimento da Etnocenologia no país, tendo em vista o crescimento da área da pesquisa e da pós-graduação em Artes Cênicas, assim como a ampliação de seu horizonte teórico-metodológico.

Durante o encontro, os conferencistas brasileiros Gilberto Icle (UFRGS), Miguel Santa Brigida (UFPA), Fernando Antônio Mencarelli



(UFMG), Jorge das Graças Veloso (UNB), Suzana Coelho Martins (UFBA) e Alexandra Gouvêa Dumas (UFS), apresentaram um panorama geral das pesquisas etnocenológicas das cinco regiões brasileiras. Destaque-se que todos e todas são professores, pesquisadores e orientadores de alunos e alunas de graduação e pós-graduação em suas respectivas instituições de ensino.

Em 2018 aconteceu a realização do VIII Colóquio Internacional de Etnocenologia em Belém do Pará, que surgiu durante as deliberações finais do I Encontro Nacional de Etnocenologia em Salvador, dando prosseguimento às discussões internacionais do VII Colóquio Internacional realizado em Paris em 2013.

Sob o tema *Cosmos-Corpo-Celebração: Estados de Afeto*, o VIII Colóquio Internacional de Etnocenologia, o II Encontro Nacional de Etnocenologia e o IV Encontro Paraense de Etnocenologia, justificaram-se no reconhecimento das dimensões transcendentais da Amazônia, sua multiplicidade de corpos e afetos geradores de práticas espetaculares na produção teórica e metodológica da Etnocenologia nos âmbitos local, nacional e internacional.

O tema *Cosmos-Corpo-Celebração: Estados de Afeto* proporcionou a apresentação de uma vivência produzida nas encruzilhadas de corpos compreendidos como lugares de afetos. São fruto de celebrações humanas, manifestações festivas, compartilhamentos sagrados e Cosmos Carnavalizados de paixões no seu fazer/ser. Cosmos que, na Amazônia, ganha dimensões transcendentais em contato com a energia

da mata, das águas dos rios, dos seus bichos, de suas entidades e de seu povo, enfatizando que estamos em um grande movimento espiralado de colaboração artística, cultural, filosófica e política. A multiplicidade da produção de corpos amazônicos interage nas diferentes identificações do ser amazônico cósmico. Essas diferentes corporeidades ativam espetacularidades de caráter engajado na Amazônia Brasileira e reconhece a importância da descentralização do conhecimento, contribuindo para a desconstrução do etnocentrismo.

Nesse último Colóquio Internacional a construção da Etnocenologia ratificou seu status de Etnociência das Artes e Formas de Espetáculos e sua concepção teórica e metodológica na Amazônia, no Brasil e no mundo. Proporcionou a ampliação do espaço de diálogo, debate e reflexão sistemática sobre a produção etnocenológica e o desenvolvimento de pesquisas que promovam possibilidades de interfaces com diversas áreas de conhecimento. No campo transdisciplinar da Etnocenologia, destacamos como aspectos conclusivos da tríplice realização conjunta desses eventos:

- Situou a posição de referência da Etnocenologia e suas reflexões teóricas e epistêmicas no âmbito da Amazônia, do Brasil e do mundo;

- Ampliou o espaço de discussão e reflexão sistemática sobre a produção etnocenológica e o desenvolvimento de pesquisas que promovam possibilidades de interfaces com as áreas de conhecimento correlatas ao campo etnocenológico;

- Fomentou o intercâmbio entre artistas, pesquisadores/as,

produtores/as culturais, mestres/as de cultura, comunidades e povos tradicionais, no âmbito local, regional, nacional e internacional; e,

- Colaborou com as novas abordagens, técnicas e metodologias derivadas da produção etnocenológica.

O VIII Colóquio Internacional contou com apoio da CAPES E ABRACE e teve a participação de Jean-Marie Pradier, um dos principais propositores da Etnocenologia, e reuniu 27 universidades brasileiras, cerca de sessenta trabalhos e cento e cinquenta pesquisadores e pesquisadoras.

Ainda em 2018, tendo como parceria o Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas – PPGCEN/UnB e a Faculdade de Artes Dulcina de Moraes, foi realizado o I Encontro Brasiliense de Etnocenologia. Tendo como tema #AFETOCORPOFESTA, foi ali oficializada a criação do Afeto – Grupo de Pesquisa em Etnocenologia/CNPq, que tem a liderança de Jorge das Graças Veloso. Este grupo de pesquisa congrega, além de alunas e alunos de graduação mestrado e doutorado, egressos do PPGCEN e da graduação, principalmente do Departamento de Artes Cênicas/UnB. O Afeto é voltado para produções etnocientíficas em artigos e livros, realização de eventos acadêmicos e, através do Coletivo Nonô, criações artísticas no campo das manifestações cênicas, teatrais ou não.

O que podemos constatar, no correr desses tempos, é que a Etnocenologia continua sua trajetória como perspectiva de diálogos transdisciplinares, em permanente renovação, inclusive epistemológica.

Tendo como principal referência de encontros as Reuniões Científicas e Congressos da ABRACE, por sua periodicidade anual e pela atuação de seu GT, várias foram as noções agregadas àquelas sustentadas de início. Assim, Práticas e Comportamentos Humanos Espetaculares Organizados – PCHEO, por exemplo, lentamente veio perdendo sua importância como definição do espectro teórico-metodológico da disciplina. Toma forma, cada vez mais, o paradoxo de que não temos e não teremos uma definição generalizante para o que Bião (2007) chamava de Objeto de Pesquisa. Então, para nos referir àquilo que nos dedicamos a pesquisar, preferimos sempre nos remeter ao léxico próprio de cada manifestação estudada.

Prefiro também denominar o artista do espetáculo, ou o participante ativo da forma, ou arte espetacular, com as palavras usadas pelos próprios praticantes dos objetos de nossos estudos, quando se autodenominam atores, dançarinos, músicos, brincantes, brincadores, sambadores e outros. [...] prefiro, sempre, usar espetáculo, função, brincadeira, jogo ou festa, conforme quem vive e faz chama aquilo que faz e vive (BIÃO, 2011, pp. 93-94).

Nesse movimento de permanente atualização, além da ampliação do número de participantes do GT na ABRACE, tivemos também a criação da disciplina de Etnocenologia em programas de pós-graduação e em cursos de graduação em universidades e faculdades, como, por exemplo, UnB, UFPA e Faculdade Dulcina, em Brasília. Foram



também criados dois grupos de pesquisa junto ao CNPq, vinculados à Universidade de Brasília - UnB (Afeto – Grupo de Pesquisa em Etnocenologia) e à Universidade Federal do Pará - UFPA (Tambor – Grupo de Pesquisa em Carnaval e Etnocenologia).

Consideramos, entretanto, como sendo aspectos também muito importantes desse redimensionamento, o crescimento exponencial das referências ao termo Etnocenologia. À título de curiosidade, em breve consulta às plataformas de pesquisa na Internet, Google e Google Acadêmico, foram encontradas citações genéricas como, por exemplo, 12.200 (doze mil e duzentas) no primeiro, e mais especificamente em consultas acadêmicas, 1.140 vezes no segundo.

Relacionado ao espaço acadêmico dos encontros científicos, em Comunicação apresentada na X Reunião Científica da ABRACE, em 2019, em Campinas, Filipe Dias dos Santos Silva(2020), nos apresenta um balanço importante da participação do GT nos Anais dos encontros anuais da ABRACE. Computando somente as reuniões científicas e os congressos realizados entre 2008 e 2018, foram publicadas 162 (cento e sessenta e duas) comunicações. Isso sem contar as inúmeras apresentações que não geraram trabalhos completos para publicação.

Pesquisas que encontravam, na Etnocenologia, um ambiente de debate e compartilhamentos, galgaram espaços próprios, a exemplo das “Artes Cênicas na Rua”, “Circo e Comicidade” e “O Afro nas Artes Cênicas”. Obviamente, isso não faz com que o GT de Etnocenologia ainda não seja um círculo propício a essas discussões.

Muito pelo contrário: são preocupações que estão sempre presentes nos diálogos estabelecidos nos encontros do GT – dentro e fora da ABRACE –, como no I Encontro Nacional de Etnocenologia (2016), em Salvador-BA, e o II Encontro Nacional de Etnocenologia (2018), em Belém-PA, os quais deixaram um vasto legado de produção teórica que revela a pluralidade e a potência de possíveis interlocuções com a etnocenologia nas mais diversas áreas do conhecimento (SILVA, 2020).

Em observância a produção etnocenológica na Amazônia revelada nos encontros, seminários e colóquios, três campos teóricos e metodológicos vêm se destacando: Etnocenologia e Práticas Etnográficas, Etnocenologia e Práticas Religiosas e Etnocenologia e Processos Criativos, essas três instâncias refletem fundamentalmente sobre o corpo em suas dimensões físicas, biológicas, espetaculares e espirituais.

Nesse panorama epistêmico e avançando no âmbito metodológico da disciplina, a partir da proposição de Bião (2007) de Trajeto-Projeto-Objeto, Miguel Santa Brígida ampliou e derivou essa tríade metodológica com a inclusão da dimensão dos sentidos do Afeto, propondo então, Trajeto-Projeto-Objeto-Afeto.

Essa proposição de Santa Brígida foi engendrada a partir da vivência como artista-etno-pesquisador a qual testemunhou como orientador a construção epistêmica de pesquisas que conciliaram o saber científico, os saberes tradicionais das comunidades afro-amazônicas e notadamente a sabedoria dos praticantes. Sublinha a

emergência de uma Etnografia fundada no Afeto enquanto operador metodológico. Germina então práticas etnocenológicas que propõem um novo paradigma etnográfico, adequado aos pressupostos da Etnocenologia, etno=ceno=logia + etno=corpo=grafar, procedimento metodológico que mergulha de corpo inteiro no campo, encarnando a experiência do fenômeno.

Por essa perspectiva, o corpo privilegia a sua autoridade nas interações enquanto estimulador e defensor da vivência interna na descoberta de instâncias visíveis e invisíveis. Essas dimensões corpo-fenômeno remarcam o corpo criando a sua própria metodologia enquanto fulcro etnocenológico. É um corpo francamente imerso no campo em sua processualidade investigativa, afetiva e geradora de conhecimento. E percebe o Afeto como energia pesquisante (NO CAMINHO), como subsância insubtraível (NO PROCESSO) e como paradigma metodológico (NA PRODUÇÃO EPISTÊMICA).

A Pesquisadora Valéria Fernanda Sousa Sales, estudiosa da morte, ao mergulhar na Iluminação de Finados com os pressupostos da Etnocenologia, propõe a etnografia no campo movente e se apropria dessa proposição que adensa o afeto no percurso metodológico:

Estabelece a artista-pesquisadora-afetada presente no fenômeno, coletando os dados etnográficos em uma relação constante de alteridade com os participantes deste momento, para uma etnografia singular de homenagem aos mortos. Com o olhar atento aos rituais em enfeitar, acender velas, conversar, rezar e homenagear

os falecidos, registrando não só na caderneta de campo, como também no olhar, no corpo e no afeto das relações ali estabelecidas (Sousa, 2018, p. 2)

É nesse contexto que sobressai, sobremaneira, o Corpo-Afeto decolonizando metodologias eurocêntricas pela existência afro-brasileira-amazônica, e imerso nas poéticas artísticas e religiosas em suas polissemia e polifonia.

Considerando a Etnocenologia quanto a seus aspectos epistemológicos e suas transformações ao longo desses 25 anos, podemos dizer que esta é uma disciplina que, além de ainda muito nova, pode ser definida como em permanente transitoriedade. Trânsito pelo diálogo, sua perspectiva metodológica primeira. Trânsito pelas sinergias diversas: prática/teoria, arcaico/contemporâneo, tradição/ inovação, presença física/presença virtual, conhecimento acadêmico/ saberes comuns, criação/crítica/fruição, amador/profissional. Como perspectiva metodológica, defende intransigentemente diálogos com as diversas outras áreas dos saberes humanos, sejam eles sagracionais, científicos ou de qualquer outra ordem. E continua ainda pelas trilhas e pistas das ações estéticas, voltadas para o reconhecimento do direito individual ao exercício do princípio ético da alteridade, seu mandamento primeiro.

Assim, esta Etnociência das artes do corpo e do espetáculo se estabelece e se consolida na área das Artes Cênicas, no Brasil de hoje, e inclui em seu corpus teórico-metodológico todas as transformações



a ela agregadas. Aqui falamos de noções novas, proposições de pesquisadoras e pesquisadores espalhados por várias partes do mundo, e, de maneira muito significativa, a partir da força que adquirem suas práticas na Amazônia. E consideramos que tudo isso tem se tornado possível, também, pela visibilidade que tem pela participação do GT de Etnocenologia nesses vinte anos de atuação combativa, de resistência e propositiva da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas – ABRACE.

## Referências

BIÃO, Armindo. Um trajeto, muitos projetos. In: BIÃO, Armindo. **Artes do Corpo e do Espetáculo: Questões de Etnocenologia**. Salvador: P&A Editora, 2007.

\_\_\_\_\_. A vida ainda breve da Etnocenologia: uma nova perspectiva transdisciplinar para as artes do espetáculo. Cátedra de Artes nº 10 (2011). Faculdade de Artes. Pontifícia Universidade Católica de Chile. Disponível em: <http://catedradeartes.uc.cl/pdf/catedra%2010/la%20aun%20breve%20vida%20de%20la%20estnoescenologia.pdf>

EMENTA – GT Etnocenologia, 2007. Disponível em <http://portalabrace.org/c2/index.php/eixos-e-grupos-de-trabalho/grupos-de-trabalho/gt-Etnocenologia>

**ETNOCENOLOGIA, Manifesto. In: TEIXEIRA, J. (org.), Performance & Sociedade. Brasília: TRANSE/UNB, 1996.**

**PORTALABRACE. Histórico da Abrace. Disponível em:** <http://portalabrace.org/c2/index.php/instituicao/historia-da-abrace>.

SALES, Valéria Fernanda Sousa. Etnografia no campo movente: alteridade e afeto na Iluminação de Finados em Curuçá-PA. In: **Anais do X Congresso da ABRACE. UFRN, Natal-RN 2018.** Disponível em: <https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace>

**SILVA, Filipe Dias dos Santos. A Etnocenologia na ABRACE: 10 anos de reflexões e produções. In:** Anais da IX Reunião Científica da ABRACE, Unicamp, Campinas-SP, 2019. **Disponível em:** <https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace>